

A VOZ de MELGAÇO



Proprietários: A. LUÍS VAZ e JÚLIO H. VAZ

Director e Administrador: JÚLIO HILARIÃO VAZ

Subdirector: CARLOS NUNO VAZ

Redacção e Administração: Largo da Senhora-a-Branca, 105 — BRAGA ★ ANO XXXIII — N.º 643 — Melgaço, 1 de Setembro de 1978 ★ Tip. Augusto Costa & C.ª, L.da - Tel. 22455 - Braga

Crónica da Aldeia

- ✱ Necessidade de férias para todos.
- ✱ Em contacto com a lavoura e os lavradores
- ✱ A presença dos emigrantes.

Fala-se muito em «Férias Sociais», procurando-se com esta expressão estender as férias a todos os cidadãos, a todas as pessoas.

A vida encareceu, as casas na praia encareceram, os transportes encareceram.

Vendo a afluência às praias dir-se-ia que o País não está em crise, que vive na abundância, que estamos ricos.

Como explicar o fenómeno?

Em primeiro lugar dever-se-ia fazer uma estatística dos que vão para a praia e da sua procedência económica e social. Sem estes elementos não é possível haver exactidão.

Conhecemos advogados e engenheiros que vão passar o dia à praia, mas dormem em suas casas.

Em segundo lugar convém lembrar que o funcionalismo e os trabalhadores têm o subsídio de férias.

Apesar desta realidade, uma sondagem feita pela Televisão, nas ruas de Lisboa, mostrou que pessoas, com subsídio de férias, não podiam ir para fora de suas casas.

Finalmente, entre nós, os emigrantes aproveitam a oportunidade de fazerem as férias na praia.

Só o lavrador é que ainda não pode por o problema das férias. E as férias são necessárias para todos.

Onde passá-las?

O Banco de Espanha tinha para os funcionários um sistema muito prático e realista: os que trabalhavam à beira-mar passavam as férias na montanha, geralmente no Guadarrama; os que trabalhavam no interior passavam-nas na praia.

Por causa da poluição de toda a ordem nas cidades, as aldeias estão a ganhar primazia.

Assim se explica que há poucos anos, ainda, uma empresa turística da República Federal da Alemanha quisesse comprar uma aldeia no Parque Nacional Peneda-Gerês.

Aqui, no Gerês, há um albergue, sem luz eléctrica, onde nos fins de semana se vêem intelectuais e cidadãos, que

desejam repouso da agitação e poluição da cidade.

Mas os que vivem na aldeia também necessitam de férias e o lavrador ainda as não pode gozar.

Aqui estamos na aldeia em contacto com a lavoura e os lavradores.

(Continua na 4.ª página)

Vândalos à solta

Fomos informados de que pessoas sem consciência e estúpidas, envenenaram com produtos tóxicos as águas do regato desta vila, do Rio Trancoso, em S. Gregório, e outros, provocando a morte de muitas centenas de trutas e criação.

Estas espécies, além de serem uma riqueza faziam a delícia dos nossos pescadores.

Deve-se averiguar quem foram os discólores e as mãos criminosas como estas e dar-lhe o castigo que merecem.

Isto causou a maior repulsa na população, em especial aos pescadores. — A.L.P.

Mais uma ilusão perdida

Muitos são os projectos com que o agricultor sonha; uma pequena albufeira que lhe permitisse transformar a terra de sequeiro em viçoso regadio; o levantar o muro de suporte que aluui no último inverno e que deixou de sustentar a terra da sua leira; a compra de umas tantas rezes que lhe permitisse tirar o melhor aproveitamento da erva de lameiro; a compra de um semeador de linhas que lhe facilitasse os amanhos; a compra de mais um pouco

de adubo ou calcário de que sente tanta falta... mas tudo custa dinheiro e ele não o tem.

Ouvii falar no Crédito Agrícola e ficou entusiasmado. Foi saber como o havia de obter e das condições e desanimou. Um juro, já bonificado, de 13,75% não era brincadeira. Fez as contas e desistiu. Desistiu como tantas vezes tem desistido de outros sonhos. É que pagar 13,75%, e amortizar o empréstimo à custa de uma colheita de resultados sempre imprevisíveis mete medo a quem tem de sustentar uma família, tantas vezes numerosa, e poucas disponibilidades possui. Assim, vai-se remediando com a «prata da casa» e fazendo como sempre fizeram os seus Pais e Avós: cultivando rotineiramente, ele que pensou que poderia evoluir e aumentar a produtividade da terra retirando o bastante para lhe permitir educar os filhos, e sair da «Vil tristeza» em que tem vivido. Uma coisa não consegue compreender: para onde foram os tais milhões de contos de Crédito Agrícola de Emergência dispendidos nos anos transactos e cujos resultados não vê!

B. M.

Amadeu de Glória de Jesus

Após a frequência do Curso legal na Academia Militar foi promovido a Sargente-Chefe, o nosso prezado amigo e conterrâneo, Amadeu de Glória de Jesus.

Em virtude da promoção, foi colocado no Quartel General da Madeira.

Os nossos parabéns, com votos de que regresse quanto antes da Pérola do Atlântico para junto dos seus familiares e amigos.

Alfredo Lourenço do Paço

CARTA DE LISBOA

As cartas que não escrevemos

Por razões de ordem profissional não nos tem sido possível, vai já para um ano, contribuir com a nossa modesta colaboração para «A Voz de Melgaço». Do facto pedimos desculpa aos estimados leitores do simpático e útil quinzenário.

Durante este lapso de tempo foram muitas as «Cartas» que deixámos de escrever. Uma que, pela sua acuidade, mereceriam, em nossa opinião, honras de primeira página. Outras que, por razão inversa, não deviam sequer ser mencionadas.

Naturalmente que esta forma de ver as coisas é passível de contestação. Temos plena consciência de que mal andaria o mundo se todas as pessoas avaliassem pela mesma óptica os factos que diariamente vão ocorrendo.

Com efeito, para certa gente, lembrar que em pouco mais de quatro anos já tivemos oito governos é crime de lesa majestade!

Dizer que o País cada vez se afunda mais por culpa da visão irrealista e demagógica de certos políticos e sindicatos que ordenam greves por «conquistas» que de há muito se transformaram em derrotas, é ser reacçãoário!

Falar na origem e nas causas das actuais crises da construção civil, da hotelaria e da marinha mercante que já provocaram milhares de desempregados, é fazer o joguão do patronato!

Esclarecer que não há qualquer interesse em nacionalizar mais empresas — das poucas privadas que ainda restam — por estar sobejamente provado que tal prática, na maioria dos casos, não representa mais que uma forma subtil de socializar a miséria, é ser acto contínuo crismado com um rotundo e definitivo fascista!

Senhora da Peneda

Quando este número de «A Voz de Melgaço» chegar aos leitores, já na Senhora da Peneda, os romeiros se entregam à oração e à penitência.

Lugar privilegiado de piedade e de Fé, a Senhora da Peneda é o maior santuário da jovem diocese de Viana do Castelo.

Que a santíssima Virgem continue a abençoar a nossa terra, e que os crentes imitem, cada vez com mais empenho, as virtudes da Mãe do Céu.

Novo Papa

Foi eleito o novo Papa da Igreja Católica. A eleição caiu no Patriarca de Veneza, que adoptou o título de João Paulo I

Em contrapartida, focar os muitos problemas que asfixiam os pequenos e médios agricultores, a maioria dos quais, após um longo e árduo ano de trabalho, não vê o seu enorme esforço compensado com equidade e justiça por falta de adequadas estruturas estatais que lhes garantam a armazenagem e o escoamento dos seus

(Continua na 3.ª página)

Porque a Peneda

— e os demais santuários, p. e. S. Bento da Porta Aberta e os outros não, v. g. S. Rita?

Acabamos de receber «Nossa Senhora da Peneda», n.º 8, do boletim informativo da vida do grande Santuário.

Entre outras notícias, do maior interesse, publica as contas de 1977. Eis-las:

RECEITA — Saldo do ano anterior, 635 340\$10; Escolas e vendas na Romaria e durante o ano, 1 564 552\$90; Juros, 10 519\$80; Renda de 2 certificados, 1 212\$60; Rendas e alugueiros, 18 000\$00; Soma, 1 594 255\$10. Total, 2 229 625\$20.

DESPESA — Compra de objectos para venda na Casa da Mesa, 643 558\$80; Serviço Religioso: Romaria 19 800\$00; Festa do Espírito Santo, 1 350\$00; Sufrágios, 6 360\$00. Aquisição de fogo para a Romaria, 8 000\$; Guitamentos, 5 390\$; Mobilário, 144 143\$50; Roupas, 7 920\$; Serviços de electricidade, 42 507\$80; Serviços e gratificações, 83 400\$00; Arranjo na estrada, parques e terreno, 285 165\$50; Brigadas de trânsito da G. N. K., 73 590\$; Alimentação, 76 910\$; Transportes, 18 950\$; Contribuições, 2 836\$30; Expediente e Secretaria, 11 545\$; Boletim informativo, 21 700\$00; Água e luz na Casa dos Arcos, 3 642\$60. Total, 1 456 833\$50.

RESUMO — Receita, 2 229 625\$20; Despesa, 1 456 833\$50. Saldo, 772 791\$70.

Louvamos a iniciativa da Mesa da Confraria da Peneda e fazemos votos para que o bom exemplo seja imitado.

Aqui, há anos atrás, as contas de S. Rita, em Rouças, eram apresentadas em cada número deste jornal. Além de propaganda, era a maneira de mostrar aos devotos do santuário que o dinheiro recebido era bem gasto. Quando o sr. abade de Rouças, substituindo-se à Mesa legitimamente eleita, tomou conta de tudo, nunca mais foram publicadas as referidas contas.

Parece que o motivo apresentado é que faz-lo seria desconfiar da seriedade do pároco. Não o fazer é que poderá induzir a isso. Mas é curioso verificar que os grandes santuários têm escrupulos de apresentar as contas detalhadas de cada ano económico.

Todos eles, de resto, exigem, por imposição estatutária, que haja mais do que uma chave do cofre: 2 ou 3. Uma na mão do tesoureiro; outra na do juiz, pelo menos.

Em S. Rita, a ideia não foi aceite pelo actual pároco.

Situação anti-jurídica que permanece, apesar de ter sido posta em devido tempo à Clria de Braga, sem obter resposta, posta, aliás,

Novo Governo

No dia 29, o Presidente da República empossou o III.º Governo Constitucional, a que preside o eng. Alfredo Nobre da Costa.

Da Vila e Concelho

Banda de Música

De passagem por esta vila, quando ia abrilhante as festas de Nossa Senhora dos Remédios e nossa Senhora do Livramento em SANTE freguesia de Paderne, numa gentileza cativante, a excelente e consagrada Banda de Música de Riba d'Ave, executando duas lindas marchas intituladas «A Brosa» e «Zé Pedro», percorreu as ruas desta vila, para cumprimentar o povo e autoridades da terra, dirigindo-se aos Paços do Concelho.

É seu regente o competentíssimo maestro, sr. Capitão de Infantaria, José Rebelo, que está à frente daquelha Banda e que tem conquistado para aquele agrupamento muitos triunfos, em diversos certames artísticos.

Obrigado pela gentileza.

A. L. P.

DR. SILVIO DA BOA NOVA PIRES — Acompanhado de sua Ex.^{ma} esposa sr.^a D. Maria da Conceição Villarinho Pires, Técnico Especialista da Circunscrição Postal (C. T. P.) da Estremadura, esteve entre nós de visita à sua família, o nosso amigo e contrerrâneo, sr. Dr. Silvío da Boa Nova Pires, Dg.^{mo} Chefe de Reparação do Laboratório Nacional de Engenharia Civil em Lisboa.

Os nossos cumprimentos.

ACTO DE HONRADEZ — Num Autocarro da Empresa Auto-Viação Melgaço, Lda juntamente com outros passageiros viajou a sr.^a Maria de Lurdes de Carvalho, natural da freguesia de Merufe, concelho de Monção, onde perdeu uma carteira com a quantia de 20.000\$00 (vinte mil escudos).

A mesma foi encontrada pelo cobrador daquele autocarro, sr. Fernando Domingues, que imediatamente a entregou à sua dona, praticando assim um acto de honradez. Ainda há gente séria!

ORDENAÇÃO SACERDOTAL — No Seminário de Braga, foi ordenado o nosso contrerrâneo, sr. P.^o José Zeferino Esteves, natural da freguesia de Farada do Monte, filho do sr. Manuel José Esteves e da sr.^a D. Maria da Conceição Domingues, residentes em Tibães — Braga.

Ao novo presbítero que celebrou Missa Nova na Igreja da freguesia onde reside, apresentamos os nossos parabéns, desejando-lhe as maiores felicidades no exercício das suas funções.

PROMOÇÃO — Por despacho do Comando Geral da Polícia de Segurança Pública, foi promovido a Chefe de Esquadra e colocado no Comando daquela Corporação em Viana do Castelo, o nosso amigo e contrerrâneo sr. Manuel Hernâni de Almeida, que até esta data comandava o posto de Ponte do Lima, como 1.^o Sub-Chefe.

Ao nosso amigo, que nos deu o prazer de assinar o nosso jornal, apresentamos os nossos parabéns, desejando-lhe as melhores felicidades no desempenho das suas funções.

TRANSFERÊNCIA — Após um ano a prestar serviço nas funções de sub-gerente da Agência do Banco Borges & Irmão desta vila, foi transferido a seu pedido o sr. Adriano Pais de Almeida, ao colocado na Sede da cidade do Porto.

Por tal motivo, os seus colegas e outros amigos ofereceram-lhe na sua despedida um jantar na Pensão Abrigo (Estalagem) de Castro Laborioso.

Ao amigo sr. Almeida, desejamos muitas felicidades no desempenho das suas funções.

CASAMENTO ELEGANTE — Na Igreja Paroquial da freguesia de Prado, realizou-se o enlace matrimonial do sr. Luis Berreiros, agente da G. N. R. a prestar serviço em Aveiro, com a menina Brizida de Araújo Barbosa, ambos daqueila freguesia.

Foram padrinhos, o sr. Manuel Augusto Gonçalves, funcionário das Hidráulicas e sua filha Professora Flávia Maria Calheiros Gonçalves.

No fim do acto, foi servido um opiparo almoço na Pensão Boavista da Estância Termal do Peso, a cerca de cem pessoas.

Ao gentil casal, desejamos muitas felicidades e uma perene lua de mel.

MISSA DE SUFRÁGIO — Na Igreja Matriz desta vila, foi celebrada missa de sufrágio, por alma do nosso ilustre amigo contrerrâneo e estimado assinante, sr. Manuel Julio Rodrigues (MANECA), no segundo aniversário do seu falecimento.

Ao piedoso acto, assistiram muitas pessoas.

ANIVERSÁRIO — Festejou o seu aniversário natalício, o nosso amigo e contrerrâneo, sr. José Carlos da Costa Velho.

Em casa de seus pais no lugar de Galvão desta vila, foi oferecido um almoço a inúmeros convidados e familiares.

Os nossos parabéns.

JOSÉ GONÇALVES VIANA PEREIRA — De visita a sua família esteve entre nós, o sr. José Gonçalves Viana Pereira, acompanhado de sua esposa sr.^a D. Leonor Gomes da Costa e filhos.

Aquele nosso amigo é simpático do Sport Clube Melgaçoense e teve a gentileza de trazer de França uma bola de futebol de campeonato oficial, que ofereceu ao clube da nossa terra.

Os nossos cumprimentos.

ENGENHEIRO JOÃO LUCENA — Vindo dos Estados Unidos da América (U. S. A.), onde exerce a sua profissão, esteve entre nós de visita à sua família, o nosso contrerrâneo, sr. Engenheiro João Lucena, filho do sr. João da Costa Lucena e da sr.^a D. Maria Nelmia da Rocha Lucena, acompanhado de sua esposa e filhos.

Os nossos cumprimentos.

JÚLIO ABREU PARENTE — Acompanhado de seu filho, sr. Francisco Marques Parente, aluno da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, tivemos o prazer de ver entre nós, o nosso amigo e contrerrâneo, sr. Júlio de Abreu Parente, conceituado comerciante na cidade de Braga.

Os nossos cumprimentos.

Vende-se

Uma casa, centro da Vila. Frentes para a Rua da Lage e Rua de Baixo.

Uma casa e terreno, centro da Vila. Frentes para Rua Afonso Costa e Largo Hermenegildo Solheiro.

Um terreno (Poço de Santiago, junto às Murallas).

Informa:

Alberto Magno P. de Castro — Telef. 22125, Valença ou

João Carlos M. P. de Castro — Telef. 26326, por favor, Braga.

Aceitam-se ofertas: Largo do Rechicho, 356 — 1.^o Esq. — Braga.

De PAÇOS

21-8-78

HAJA MORALIDADE OU ENTÃO, COMAMOS TODOS

Na maior parte dos lugares desta freguesia, existem vários fontanários, última herança deixada pelo antigo regime. Acontece que geralmente não estão a ser utilizados para o fim em vista, que é de fornecer água às populações «para fins» domésticos. Não é raro ver aqui e ali, mangueiras de plástico ligadas às torneiras para regar hortas, jardins, etc. Por vezes acontece que as mulheres do cântaro têm que aguardar horas para que o sr. fulano de tal acabe as suas regas, para poder encher o cântaro. O que é mais lamentável é que isto por vezes se passa à vista de algumas pessoas com responsabilidade, e que estas não liguem o mínimo, ao assunto.

Neste caso e se é assim, então eu também tenho jardim e horta ao pé da casa. Seria de estranhar que eu também ligasse lá o tubo?

Que vos parece? ... Se de facto não há moralidade, então ...

— Na Fonte Nova ali para os lados do Outeiro, existia um fontanário colocado mesmo em frente à bica da água da nascente. Quando por lá passávamos dava-nos a sensação que aquela obra parecia mais um monumento, dadas as características do local, do que propriamente um fontanário para substituir a fonte nova. Acontece que, ou propositadamente ou por falta do cuidado indispensável, aquele fontanário foi destruído andando as pedras do mesmo espalhadas pelo chão a estorvar quem precisa servir-se do lavadouro ali existente. Por sua vez o entulho que saía da obra da cobertura do lavadouro, continuava ali espalhado juntamente com a sujidade dos animais que ali vão beber a empressar ao local um espectáculo desolador. Num tempo em que se fala tanto em poluição do meio ambiente, as coisas vão assim mesmo à beira duma fonte de água de onde tanta gente se serve dela.

— Ha quem diga que estas coisas são fruto da liberdade presente. Há pessoas que se queixam do excesso de liberdade que o actual regime nos trouxe. No entanto essas mesmas pessoas esquecem-se de que por vezes são elas próprias as que mais abusam dela.

Nesta freguesia como em outra terra qualquer, enquanto não houver respeito pelas coisas, não pode haver progresso, e para haver esse respeito é preciso que as autoridades competentes imponham a sua autoridade que é para isso que o Estado lhes paga. No caso acima referido as autoridades locais têm um grande papel a desempenhar.

Então, pode ser que um dia isto mude.

Oxalá que sim.

Depois de ter passado alguns dias de férias, cá estou mais uma vez a contactar com os meus estimados leitores para lhes levar à suas casas as notícias mais importantes destas duas freguesias situadas na margem esquerda do rio Minho, onde Portugal começa.

FESTIVIDADES — Realizaram-se com grande pompa nesta freguesia, as tradicionais festividades em honra de S. Ana, padroeira substituta desta freguesia de S. Maria de Paços.

Também nos dias 11, 12 e 13, tiveram lugar na capelinha de Me-

Pensão Residencial "PEMBA,"
Largo da Calçada — Tel. 42555 — Melgaço

Com sala própria para casamentos, baptizados e copos d'água.
Excelente cozinha e vinhos da região.

No seu próprio interesse, CONSULTE-NOS.

relhe, as tradicionais festividades em honra de N.ª S.ª de Lourdes que constaram do seguinte programa:

Dia 11, ao meio dia, grande descarga de fogo e potentes alfalantes iniciaram as festas. À noite uma majestosa procissão de velas saída da Igreja paroquial e teve o seu termo junto à capela com um sermão pregado por um dos melhores oradores da região.

Dia 12, ao romper do dia, alvorada, às 8. h. entrada da banda de Riba de Mouro bem como dos gaiteiros de Parada do Monte. Às 11 h. missa solene, abrilhantada pelo grupo coral dos Bombeiros V. de Melgaço. Às 13 h. procissão, onde fez a sua primeira exibição a fanfara dos Bombeiros V. de Melgaço e onde se incorporaram muitas figuras alegóricas. Às 18 h. entrou o conjunto (Contacto) de Melgaço que se exibiu até às 2 h. de Domingo.

Dia 13 domingo, da parte da manhã continuação das festas. Às 17 horas, missa solene abrilhantada pelo já referido coro dos Bombeiros. Às 18 horas, entrada dum excelente conjunto Espanhol (Os Americanos) de Vigo, que actuou até às 2 horas de segunda feira, sendo queimado a essa mesma hora grande quantidade de fogo de artifício, com que terminaram as festas deste ano. — A. A.

De Cristóval

Até que enfim, a Câmara já mandou substituir parte dos canos que distribuem a água a vários lugares desta freguesia. O que é pena é que os empregados da mesma tivessem levantado ferro e fossem trabalhar para outra freguesia, deixando assim por concluir a ligação da água a outros lugares cujos habitantes estão à espera dela.

Desia maneira, uns tem água a mais, outros não tem água nenhuma. Assim vai a administração local. E é tudo hor hoje.

Desejamos a continuação dumas boas ferias a todos aqueles que as podem gozar. Os outros esses tenham paciência que eu também a tive. — A. A.

Câmara Municipal

Reunião de 2 de Agosto

Sob a presidência de Hermenegildo José Solheiro, estando presentes todos os vereadores a Câmara deferiu requerimentos diversos, autorizou o pagamento de facturas existentes na secretaria, criou mais um lugar de desenhador para apoio aos serviços técnicos, e aprovou, por unanimidade, o plano para 1979 que vai ser apresentado à Assembleia Municipal. Por proposta do Presidente, foi actualizado o vencimento do assalariado Paulino.

Na ratificação de pagamentos, e na autorização 1979, os vereadores Abel Pereira d'Eça e Alípio José Rodrigues votaram contra por desconhecimento do respectivo processo.

Reunião de 16 de Agosto

Com a presidência da anterior e a ausência do vereador Abel Pereira d'Eça, a Câmara mostrou-se desinteressada em colocar ao seu serviço um auxiliar técnico de 2.^a classe dos Serviços de Veterinária e decidiu fazer o possível por que o Concelho se faça representar no Destile Etnográfico, que se realiza no dia 3 de Setembro, em Espôsende. Concedeu licença de habitação e ocupação a António Fernando Cardoso, de Carvalhais, autorizou pagamentos e ratificou outros; apreciou, ainda, os concursos para a construção do arruamento de acesso ao Asilo e para os lugares de Lourenço de Lima e Baixo, S. Paio, tendo deliberado aguardar a informação do Técnico da Câmara.

NECROLOGIA

Prof. Abílio Domingues

Fomos dolorosamente surpreendidos pelo falecimento do prezado amigo, prof. Abílio Domingues, ocorrido nos últimos dias de Agosto em Vila Praia de Ancora. Filho de Melgaço, pois era natural de Castro Laborioso, aqui exerceu a sua actividade, que foi multiiforme, até que se fixou, definitivamente, na cidade de Braga, onde foi a sepultar.

Foi professor zeloso, foi Delegado Escolar atento, e foi Presidente da Câmara competente.

Em todos estes lugares fez valer as suas qualidades humanas: bondade, educação, espírito de sacrifício e vontade de servir.

Humilde até ao extremo, buscava sempre a conciliação, fugia às honrarias.

Apesar de há bastantes anos residir em Braga, nem os seus alunos nem os seus contrerrâneos esqueceram o Homem exemplar, o profissional competente, e o cidadão íntegro.

Aos seus irmãos, cunhados e sobrinhos, apresenta «A Voz de Melgaço» sentidas condolências.

VIEIRA Oculista

Rápido e rigoroso aviamento de todo o receituário de Oftalmologia

25 anos de aviamento de receituário médico

Fornecedor das Caixas de Previdência

Mercado Municipal - Loja A VIANA DO CASTELO

Móveis do Castelo

de

RAMIRO DE LIMA A. CERQUEIRA

RUA DAS ESCOLAS Telephone, 42695

MELGAÇO

Mobiliars Século XVII — Nórdicas — (Móveis avulso)

Colchões de molas e espuma SUNDLETE — Divãs articulados — Candeiros — Alcatifas — Tapeçarias, etc.

Será possível aumentar a produção do milho?

O crescimento do P.A.B. (Produto Agrícola Bruto) nas duas últimas décadas quase foi nulo. Diz-se que a culpa é do Agricultor que não tem evoluído e acompanhado as novas técnicas culturais que uma agricultura evoluída deve empregar.

Mas será dele a culpa? Terá sido o Agricultor convenientemente acompanhado por quem tem a obrigação de o ensinar, demonstrando-lhe, que deve usar determinada variedade de semente mais produtiva, depois de se ter verificado a sua boa adaptação à região, que deve adubar racionalmente, o que muitas vezes não significa gastar mais dinheiro, que deve corrigir o pH dos seus terrenos, se os mesmos apresentam uma acidez elevada?

Parece-nos que não devemos de acusar de ânimo leve o Agricultor pois quando ajudado e bem orientado ele responde com entusiasmo e retira da sua parcela rendimentos unitários que se podem considerar muito bons; são exemplo os milhares de hectares plantados com fruteiras, onde as produções de boa fruta foram espectaculares e culturais, como a do tomate, onde têm obtido rendimentos muito compensadores.

Está o M.A.P. interessado em apoiar os agricultores e, partindo do princípio que os milhares de problemas que afligem quem trabalha a terra são muito diluídos chegam ao Terreiro do Paço, principiou por descentralizar os Serviços com a formação de Direcções Regionais que passarão a ter a responsabilidade pelo planeamento e execução das acções a levar a cabo nas regiões que servem.

Como em última análise a sua acção se destina a fomentar o aumento da rentabilidade da agricultura há que, em primeiro lugar, estudar a região e agrupar as principais actividades agrícolas e verificar a sua repercussão no P.A.B. (Produto Agrícola Bruto), o grau de facilidade em aumentar o seu rendimento, digamos em 20%, bem como o tempo necessário para que tal seja possível.

Uma vez esquematizadas as actividades agrícolas da sua região, e não sendo normalmente possível actuar em todas ao mesmo tempo de forma a aumentar rapidamente os rendimentos de todas elas, há que procurar quantificar, através dos conhecimentos obtidos quais os acréscimos possíveis em cada uma das actividades e fazer uma primeira avaliação da facilidade e velocidade com que a sua acção se possa generalizar a certo número de empresas agrícolas.

Para isso tem que se encerrar o caminho a percorrer e a orientação a seguir considerando, entre outras, as seguintes hipóteses:

- a) Aumentar a área de cultivo?
- b) Subir a sua produtividade?
- c) Baixar os custos de produção?
- d) Vender melhor os produtos?
- e) Substituir as culturas tradicionais por outras mais rentáveis?

A escolha exige um estudo em particular de cada uma das hipóteses consideradas quantificando objectivamente os pontos fracos e, as acções correctoras determinando o seu reflexo no P.A.B. a curto, médio e longo prazo, afim de se definir prioridades.

Sabendo-se o que se quer conseguir é fácil, aplicando métodos conhecidos, organizar um plano de actuação que permita chegar ao fim desejado tendo em atenção que é prudente caminhar devagar e por fases.

Vejamos um exemplo:

Se após o estudo das implicações nas diferentes culturas se chegasse à conclusão que a acção a empreender seria mais rentável no aumento da produtividade da cultura do milho, nas terras regadas, as únicas em que a cultura é economicamente viável, haveria que a escalonar por fases de forma que, com 3 a 5 anos, se conseguissem os resultados pretendidos.

Numa primeira fase deveria encarar-se a correcção dos solos ácidos e demonstrar a necessidade de se proceder a adubações racionais; as médias nacionais actuais são da ordem dos 57-15-5 kg/ha de azoto, fósforo e potássio, média de 1968/71 obtida por inquérito do C.E.A. e deveriam passar para, respectivamente, 100-40-20 kg/ha. Só quando o agricultor estivesse mentalizado na necessidade de corrigir a acidez dos solos e de adubar convenientemente, se passaria a uma segunda fase com a introdução de sementes seleccionadas (híbridos bem adaptados à região) e se reforçaria a adubação que, a nível nacional, deveria passar para 140-80-40 kg/ha, respectivamente, de azoto, fósforo e potássio.

Se considerarmos, por hipótese, que nos 280 mil hectares regados onde se cultiva o milho a acção dos técnicos tinha resultado e a cultura se processava dentro das melhores normas obteríamos, a nível nacional, aumentar na ordem dos 500 mil toneladas ou seja cerca do dobro do que hoje produzimos.

Parece-nos que valeria a pena os serviços debruçarem-se sobre esta cultura e trabalharem-meia dúzia de freguesias onde, através de campos demonstrativos, se exemplificassem as vantagens económicas de cultivar racionalmente um cereal que já está na tradição dos nossos agricultores.

a) Aumentar a área de cultivo?

S. M.

XII Festa do Presunto (Xamon) em LA CAÑIZA (Espanha)

Na vizinha povoação fronteiriça de La Cañiza (Espanha), a poucos quilómetros da fronteira de S. Gregório, realizou-se a nível dos anos anteriores a tradicional «Festa do Presunto» (Xamon), patrocinada pelo Alcaide da localidade sr. D. César José M. Rodriguez e mais uma comissão promovida pelo Ayuntamiento local.

La Cañiza, a simpática Vila Galega um dos mais lindos pontos turísticos da Galiza, onde contamos com inúmeros amigos, pois Melgaço aína que separado pelo Rio Minho e suas fronteiras é muito conhecido pelo povo daquela localidade.

Povo irmão, hospitaleiro, que nos deliciou num banquete com as melhores típicas da gastronomia, onde foi apreciado o bom presunto (Xamon) e outras iguarias, tudo isto regado com os bons e capitosos vinhos regionais.

A festa decorreu no melhor ambiente, alegria e confraternização, entre todos os convidados e pessoas que ali acorreram de Portugal e de Espanha.

No edifício do Colégio Nacional, foi servido com todos os requintes um almoço a que estiveram presentes algumas centenas de pessoas, presidido pelo sr. Alcaide, pessoa muito dinâmica, que actualmente se encontra à frente dos destinos daquela Vila e sede do concelho, estando também presentes altas individualidades.

A Rádio-Televisão, Emissoras Regionais e Rádio Nacional de Espanha, assim como a imprensa daquele país, os jornais portugueses «A Voz de Melgaço» e «Diário do Minho», representados pelo correspondente de Melgaço Alfredo Lourenço do Paço, que deram o seu apoio, para que esta festa tivesse decorrido com alegria e satisfação.

Os festejos encerraram com concertos musicais e sessões de fogo de artifício.

Parabéns ao sr. Alcaide e restantes membros da Comissão.

Passa-se

Pensão Restaurante «Flor do Minho». Rés do chão, com amplo salão para banquetes e casamentos, dois andares com quartos e ainda local próprio para petisqueira e esplanada.

Informa o proprietário: António Caldas
Rua Velha, tel. 42340-Melgaço

Espelhos e Cristais

Vidros para Janelas
Automóveis e Estabelecimentos
—
TELHAS E TJOLOS DE VIDRO
—

Sociedade de Cristais, L.da
Rua do Almada, 25 - PORTO - Tel. 311057

Electrotécnica

de ANTÓNIO SOLHA & IRMÃO
PRAÇA DA REPÚBLICA — MELGAÇO

RÁDIO TELEVISÃO
ELECTRICIDADE AMPLIFICAÇÕES SONORAS

Agentes da SIEMENS.

Prestam assistência técnica com competência e honestidade no nosso concelho.
CONSULTE-NOS para as suas instalações!!!

Vinho do Porto **BARROS**

De todos mais saboroso De todos mais preferido

REGIST. BRAND. O PORTO

Lágrima Christi **BARROS**
em França o mais apreciado

Carta de Lisboa

(Continuação da 1.ª página)

produtos — caso dos produtores de batata transmontanos — deixando-os à mercê de intermediários sem escrúpulos que livre e impunemente pululam por esta Pátria de Santa Maria, são assuntos ultrapassados que não interessam de momento...

Enfim, no curto espaço de um ano foram muito as «Cartas» que não escrevemos. Por hoje ficamos-nos por esta que é das que não deveriam ter sido escritas. Seria bom sinal. Sinal de que o País se encontrava a trabalhar em pleno e de que os portugueses tinham encontrado finalmente a paz social e a tranquilidade de espírito tão necessárias para sair da profunda crise em que nos encontramos mergulhados.

O que infelizmente ainda não aconteceu.

Lisboa, 17 de Agosto de 1978.
Zé do Rio Minho

MANUEL ANTÓNIO RIBEIRO
SOLICITADOR

★
Largo Hermenegildo Solheiro
MELGAÇO

Ajudar os nossos Bombeiros, é uma obrigação de todos os bons Melgaçenses. Se ainda não é Sócio da Associação, inscreva-se já

ENCONTRO COM

Zeca Pires

No dia 6 de Agosto, ao descermos no Largo da Calçada, procuramos um táxi para ir até Rouças. Não havia, que a sr.ª da Vista em Fíes e em Tangil ocuparam-nos totalmente.

Quando descíamos a rua do Porto, uma voz amiga: — Sr. Padre Júlio, dá-me licença de lhe oferecer o meu carro para o levar a Rouças?

— Não resisti à amabilidade, até porque começava a choviscar, e eu viera das Termas de Chaves, não haviam passado senão dez dias.

O Zeca Pires está em Paris há 14 anos, e vive, ali, com sua mulher na paz do lar, no êxito do trabalho, e na leitura atenta dos acontecimentos.

— Sabe, diz-me, vivo no lar porque as associações de portugueses, nem sempre estão imbuídas das qualidades que o emigrante deseja, necessita, e quer cultivar.

— Em férias?
— Sim. Durante o mês de Agosto E aproveito para descansar, para conviver, para reviver, e para ler «A Voz de Melgaço».

— Como, lei, em férias, a colecção de «A Voz de Melgaço».

— Zeca Pires desceu a pormenores, revelando, perfeitamente, que lê atentamente tudo.

Faz-me sugestões objectivas e oportunas.

Obrigado, Zeca Pires.
Estávamos a chegar à igreja de Rouças... E vem mais uma pergunta:

Quando se coloca o busto do Sr. Arcipreste em S. Rita?

— Sei, respondi, que a Comissão o mandou executar em Braga. Mas, acrescentei, é um erro colocar o busto sem a urbanização do recinto.

A despedir-me, não podia esconder o meu «muito obrigado» pelo favor.

— Não tem nada que me agradecer, respondeu, eu era o chauffeur do «Sr. Arcipreste».

As lágrimas vieram-me aos olhos. Há anos, também, numa Alfândega do País, quando regressava de Espanha, um empregado perguntou-me: «Não é irmão do Sr. Arcipreste de Melgaço?» Sou.

— Foi ele que me colocou aqui, respondeu-me. E fiquei a pensar na bela lição de Raul Folherant, herói dos leprosos: «Só a bondade cria e constrói».

Obrigado, Zeca Pires pela gentileza e pelo despertar de uma saudade que se aviva cada vez mais.

J. V.

A RENASCENÇA

de JOÃO MARIA DE OLIVEIRA
Rua do Rio do Porto — MELGAÇO
Telef. 42488

Nesta casa executam-se todos os trabalhos de pichelaria, instalações de quartos de banho com água quente e fria. Todos os trabalhos são executados com a máxima perfeição e rapidez a preços sem competência. Orçamentos grátis.

Fany

LAVANDARIA E TINTURARIA
(a Casa que Melgaço precisava)

«Lavagens a sêco, molhado e tinturaria»

Executa serviços rápidos a preços módicos

na

RUA DO RIO DO PORTO, em MELGAÇO

Crónica da Aldeia

(Continuação da 1.ª página)

É o dia aproveitado desde o romper da manhã ao por do sol para a rega dos milhos, a sulfatação das vides, a debulha do centeio, etc..

O lavrador não tem tempo para respirar.

Vejo, no entanto, a malhada do centeio e tractores.

A maquinaria a entrar na lavoura. Como?

A mão d'obra falhou e a que existe tornou-se muito cara. A família não pode chegar a tudo.

Estas realidades promoveram a introdução das máquinas.

Quem as comprou?

Não foi o lavrador, que não tinha dinheiro para tanto.

A comercialização e a rentabilidade lançaram os primeiros que aproveitaram a circunstância.

Os que tinham possibilidades financeiras viram em pleno uma actividade comercial. E fizeram muito bem. Os preços são os da hora. Elevados, portanto.

Apesar de verificarem a utilidade da maquinaria e apesar de sentirem o custo elevado da produção, os lavradores ainda não acordaram para a vantagem, até económica, da cooperativa.

É que a cooperativa adquire a maquinaria, contrata os tractoristas ou mecânicos, e a despesa torna-se muito menor.

Porque esta relutância em se organizarem?

O nosso amigo José Maria Rodrigues, da Gave, disse-o, há anos: o povo de Melgaço, devido à emigração, julga-se rico, e não atenta nas realidades económicas e suas vantagens, como as da cooperativa.

Julgamos, pois, que o lavrador se deve consciencializar

em ordem à cooperativa, e quanto antes.

Um caso insólito é o da venda do vinho: a 15 e 17 contos a pipa de 500 litros.

O preço não é, só, local. Também no Baixo Minho se vende ao mesmo preço.

A colheita do ano passado foi má em qualidade e quantidade. O que conseguiu aguentar-se tem neste verão, até porque a colheita deste ano, está muito atrasada, um preço elevado.

Não são muitas as ocasiões em que ao lavrador se oferecem oportunidades desta natureza, oportunidades que, para ele, surgem em ano de austeridade e de carestia de vida.

Enquanto os trabalhadores, reclamam melhoria de salários, o lavrador tem de comprar os produtos pelo preço de mercado, tem de pagar a jorna sem salário fixo, e espera da venda das culturas com que enfrentar o seu dia a dia.

Parece, pois, que não é ainda, «negócio da China» ter oportunidade de vender o pouco vinho que colheu por bom preço.

A lavoura necessita de um estudo profundo e amplo, desde o alto, do Governo:

- porque, devido à democratização do ensino e às vantagens, exageradas pela imaginação dos jovens, da emigração, a terra vai ficando abandonada;

- porque, em relação às melhorias do trabalhador industrial pós-25 de Abril, o lavrador ainda está longe de receber o mínimo indispensável de respeito oficial e social à sua actividade profissional;

- porque o ensino não é orientado de forma a valorizar o trabalho e o trabalhador agrícola, e

- porque o próprio lavrador ainda não acordou para a missão familiar, profissional e social, consciencializando-se do papel que lhe cabe na manutenção da sociedade em que vive.

JULIO VAZ

Vida Política

O C. D. S. celebrou o quarto aniversário da sua fundação com um jantar-convívio no Hotel Afonso III, em Viana do Castelo.

Presidiu o eng. Amaro da Costa, estando ainda presente o dr. Ribeiro e Castro, Secretário-Geral Adjunto.

Falaram Manso Preto pela J. C., dr.ª Teresa Mager pelo M. C. D. S., e o eng. Anacoreta Correia, deputado pelo Distrito, o qual leu uma mensagem do prof. Freitas do Amaral.

Amaro da Costa falou do acordo com o P. S. e da rutura do mesmo, dizendo que foi o P. S. que «violou o acordo».

Ainda a electrificação de S. Paio e Rouças

As populações de S. Paio e Rouças vêm escoar-se mais um verão e os trabalhos da electrificação suspensos, de há meses, sem o tão desejado fim, ou seja a inauguração da luz eléctrica.

Enquanto isso, Cavaleiros, por iniciativa própria, ultrapassou todos os obstáculos, até legais, tendo já iluminação a jorros.

Informador qualificado disse que devia estar concluída, até Outubro próximo, a electrificação de Fiães, devendo a luz ser inaugurada em conjunto nas 3 freguesias: S. Paio, Rouças e Fiães.

A informação carece de base sólida, porquanto os trabalhos em Fiães estão muito atrasados. Não é possível tê-los prontos, no próximo Outubro. Outro Inverno passará — e outro... e outro... e quantos mais. Em seguida vem Cubalhão. Depois Parada e continuamos à espera... — outro Inverno passará e a luz sem ser inaugurada em S. Paio e Rouças.

Ora isto acontece, porque as populações, respectivas juntas e assembleias de freguesia não tratam do caso, dirigindo-se à Câmara Municipal para o efeito.

Porque estar à espera de Fiães e doutros, se Cavaleiros já inaugurou a luz, devendo inaugurá-la, só depois de S. Paio e Rouças?

Porque não acabar os trabalhos em curso e inaugurar já S. Paio e Rouças?

Aliás é o que está programado no «Diário do Governo». Daqui dirigimos um veemente apelo às populações interessadas e respectivas juntas e assembleias de freguesia no sentido de, quanto antes, isto é, imediatamente, se reunirem e contactarem o sr. Presidente da Câmara Municipal para o efeito.

Certos estamos de que ele fará o possível para resolver o assunto.

Bento Gomes

EMPREITEIRO

Melgaço — Tel. 42113

Vende-se

casa de morada, pomar e terrenos de cultivo anexo com muita água de rega e lima.

Falar com herdeiros de Gaspar Figueiredo, tel. 02842356 e 02122218.

Amotinadores do povo alteraram a ordem pública

Amotinadores do povo, talvez por ignorância ou porque não querem viver em democracia, também tocaram os sinos a rebate em Parada do Monte, para alterar a ordem pública e perturbar a paz social.

Quando em Portugal anda tudo perturbado a começar pelos partidos políticos, só faltava o toque dos sinos a rebate para estabelecer maior confusão.

Mas será mesmo que o sistema, que começou na freguesia da Gave, irá continuar em todo o concelho?

Até custa a acreditar que na época em que vivemos, ainda haja gente tão ignorante e mal educada.

Não se trata de desordeiros nem de pessoas compradas por profissionais de polítrique barata, mas sim de povo rude e ignorante, que desconhece a missão das autoridades encarregadas da manutenção da ordem.

Haverá muita gente em Parada do Monte e na Gave, que conhece até que ponto pode chegar a competência e autoridade das corporações policiais do nosso país?

Creio bem que não.

Precisamente por isso, entendem que podem provocar incitamentos à violência tocando os sinos a rebate. Mas deixemos estas considerações à meditação dos que amam a ordem e a harmonia sabendo que a ignorância continua a ser um dos maiores males desta pobre Humanidade e vamos à narrativa dos factos que deram origem ao título deste meu escrito. Terá de ser de forma reduzida, porque o formato deste jornal não chegaria para dar conta de todos os factos ocorridos.

Duas mulheres de Parada do Monte que naquela freguesia recusaram fornecer à Guarda Nacional Republicana as suas identidades, foram conduzidas por duas praças daquela corporação ao Posto desta Vila, para serem devidamente identificadas como manda a lei. E, como mesmo ao Comandante do Posto tivessem recusado dizer os seus próprios nomes, tiveram que ser enviadas ao tribunal judicial para serem identificadas devidamente. Mas elas, até no tribunal recusaram as suas identidades. Nem a pedido do Reverendo pároco da Vila e Arcipreste do concelho que é natural de Parada do Monte, foram capazes de dizer quem eram, nem a que famílias pertenciam.

Toda esta teimosia seria só por ignorância, ou por esperteza saloia de mastada?

Que responda quem souber, que eu não sei nada. O que sei, foi o que depois se passou.

Tocaram os sinos a rebate em Parada do Monte e talvez porque julgaram que a G. N. R. comia gente ou se dedicava ao rapto de mulheres, juntou-se o povo que

se fez transportar em diversas viaturas automóveis, motos e tractores, com manifesta intenção de invadir o Posto da G. N. R. e o próprio tribunal.

Alguns dos mais valentes, até se muniram de cabos de enxadas e forçaram as portas do tribunal onde as mulheres se encontravam.

Estabeleceram tamanha confusão com as suas ameaças, que obrigaram um funcionário do tribunal a puxar de pistola para os manter em respeito e só se renderam quando viram uma força da G. N. R., constituída por elementos daquela corporação, de Monção, Valença, Vila Nova de Cerveira e Viana do Castelo.

Depois de tudo isto, não sei se as mulheres se identificaram como deviam. Também não sei se este caso será julgado no tribunal, nem que sentença será proferida. Mas se realmente todos desejamos viver em paz e em liberdade democrática, porque não se faz um esforço colectivo nesse sentido, a começar pelos dirigentes mais responsáveis?

Que conceito fazem da democracia em Parada do Monte e na Gave? Acham talvez que eu estou contra os habitantes dessas duas freguesias, onde todos sabem perfeitamente que tenho sido um lutador incansável pelos direitos que assistem a essa gente que eu considerava pacífica e ordeira.

Sempre estive e estarei a vosso lado se tiverem comportamento de gente civilizada, mas não terei qualquer receio de protestar, contra qualquer acto de violência selvagem como este que acabaram de praticar ultimamente.

Toquem os sinos para irem rezar e pedir a Deus que os ajude a viver em paz, mas nunca mais os toquem a rebate, para incitamentos à violência. De resto, podem contar comigo para vos ensinar muitas regras de civilidade e bom comportamento, porque eu sei bem qual é minha mão direita e já fico bem satisfeito, se todos me respeitarem tanto como eu respeito toda a gente.

Tenho corrido muitas terras e conheço muita gente atrasada, mas nunca me passou pela cabeça, que em Parada do Monte e na Gave existissem criaturas tão ignorantes como as que tocam os sinos a rebate falso. Tenham paciência, mas fiquem sabendo que essa vossa atitude foi vergonhosa.

Manuel Caldas

Vendem-se

lotes de terreno destinados a construção urbana no lugar de Galvão de Baixo-VILA confinantes com o caminho público. Aceitam-se propostas. Falar telef. 2842356, Ponte da Barca e 2122218, Valença.

Dr. Oliveiros Rodrigues
ADVOGADO
Largo Hermenegildo Solheiro
MELGAÇO

Vende-se
Pensão Flor do Minho
(0 27)
Telef. 42340 — MELGAÇO

ELECTROVISÃO
— DE —
JOSÉ CARLOS CARPINTEIRO
Agente oficial das marcas AEG / TELEFUNKEN
com assistência técnica
Vendas de aparelhos electrodomésticos
RUA DO RIO DO PORTO — TEL. 42650 — MELGAÇO

Tintas e Vernizes
Em BRAGA procure na DROGARIA DO MERCADO. Preços de revenda. Qualidades garantidas. Agentes dos produtos Agrícolas SAPEC, para tratamento de Pomares.
Praça Comércio, 71 — Tel. 24937 (Junto ao Mercado)

“A VOZ DE MELGAÇO,”
Anual: 100\$00 — Avença — Quinzendário — Estrangeiro: 220\$00 — Avião: 270\$00
1 SETEMBRO 1978
RUA DO RIO DO PORTO — MELGAÇO
Telef. 42340